

Universidade de São Paulo

Departamento de Filosofia

Programa de Pós-graduação em Filosofia

Supervisor: Prof. Dr. Sérgio Cardoso

PROJETO DE PÓS-DOCTORADO

O pensamento do político de Claude Lefort

Renata Schlumberger Schevisbiski

SÃO PAULO

2014

PROJETO DE PÓS-DOUTORADO

Programa de Pós-graduação em Filosofia

Universidade de São Paulo

Supervisor: Prof. Dr. Sérgio Cardoso

TÍTULO

O pensamento do político de Claude Lefort

Renata Schlumberger Schevisbiski

RESUMO

Este projeto parte da recusa por parte de Lefort em oferecer uma definição fechada sobre o político em sua obra. Nela, o que se encontra são textos que discutem o político, de maneira articulada seja a um acontecimento histórico, a um autor em específico, a temas da Filosofia Política. Por consequência, pode-se assumir como pressuposto inicial que Lefort não tem a intenção de dizer o que é o político, ou seja, de dar um fechamento ao significado do conceito. Embora haja essa dificuldade, a todo tempo o leitor se vê às voltas com a discussão feita por Lefort sobre o pensamento do político nos seus diferentes contextos de escrita (artigos, capítulos de livros, prefácios). Como não há um fechamento desta noção, para poder entender o seu significado, torna-se fundamental acompanhar o movimento de pensamento e de diálogo por parte do filósofo com sua época, bem como suas mudanças e suas inflexões teóricas. Acompanhar este movimento não é garantia de se obter uma definição do político, mesmo porque isto parece contrariar o próprio movimento filosófico do autor, mas pode nos ajudar a encontrar uma forma para se pensar o político em nossa época, em relação aos nossos acontecimentos. O objetivo da pesquisa é reunir e reconstituir os vários momentos em que Lefort trata da questão do político nos seus diferentes textos, procurando organizá-los a partir dos temas, dos acontecimentos, das inflexões teóricas e das relações com outros autores, mapeando as suas falas em entrevistas e suas reflexões sobre o político em artigos e livros. Dessa forma, busca-se investigar se há uma unicidade de compreensão sobre o pensamento do político, sem trair o propósito inicial de deixar o conceito em aberto. A proposta não é definir, nem

determinar o conceito, mas mostrar como esses vários momentos em que ele fala do político podem se relacionar.

INTRODUÇÃO

A obra do filósofo francês Claude Lefort (1924-2010) é composta por inúmeros artigos, escritos ao longo de sessenta anos, abarcando o período de 1945 a 2005. Com exceção dos livros *Mai 68: la Brèche*, escrito em colaboração com Edgard Morin e Cornelius Castoriadis e publicado pela primeira vez em 1968 (MORIN, LEFORT e CASTORIADIS, 2008), de sua tese de doutorado, intitulada *Le travail de l'oeuvre Machiavel* (1986c) e dos livros *Un homme en Trop. Réflexions sur "L'Archipel du Gulag* (1976b) e *La complication. Retour sur le communisme* (1999b), toda a sua reflexão consiste em textos publicados em diversas revistas como *Les temps modernes*, *Socialisme ou Barbarie*, *Cahiers internationaux de sociologie*, *Texture*, *Esprit*, *Libre*, *Libération*, *Passé-Présent*, entre outras. Muitos destes artigos foram reunidos e novamente publicados em livros¹ sempre acompanhados por prefácios que traduzem a tentativa, por parte do autor, de organizar um trabalho que sempre buscou se distanciar de um projeto didático sistemático.

Esta forma de reflexão que se dá por meio de artigos revela um trabalho filosófico que se mantém em movimento e aberto à interrogação, posto que se dá como um *trabalho*, isto é, como pensamento em *obra*², articulando e rearticulando suas questões e reflexões a um conjunto de temas, autores e a certos acontecimentos políticos de seu próprio tempo.

As interrogações de Lefort, portanto, sempre estiveram vinculadas a uma compreensão dos acontecimentos políticos, realizando reflexões sobre temas fundamentais como a relação entre democracia e totalitarismo, em torno de fatos sociais e políticos ocorridos no mundo, como o surgimento do totalitarismo na ex-URSS, no quadro francês, como o advento do gaullismo, Maio de 1968 na França, a criação da União da Esquerda pelos partidos Socialista e Comunista franceses nos anos 1970, ou,

¹ Fazemos referência às obras *Les formes de l'histoire. Essais d'anthropologie politique* (1978a), *Sur une colonne absente. Écrits autour de Merleau-Ponty* (1978f), *Éléments d'une critique de la bureaucratie* (1979c), *L'invention démocratique. Les limites de la domination totalitaire* (1981a), *Essais sur le politique. XIX^e-XX^e siècles* (1986a), *Écrire à l'épreuve du politique* (1992a) e *Le temps présent. Écrits 1945-2005* (2007).

² Esta noção está presente nos escritos de Lefort, principalmente após seu trabalhado de interpretação de Maquiavel (LEFORT, 1986c) para designar uma forma de pensar e interpretar autores e acontecimentos.

ainda, no quadro europeu, as mudanças no Leste, particularmente a Revolução Húngara e o processo de desestalinização comandado por Kruchtchev. Ao mesmo tempo, Lefort produziu diversos trabalhos em torno da obra de pensadores como Maquiavel, Marx, Tocqueville, La Boétie, Michelet, Quinet, de tal forma que sua filosofia não se dissocia do trabalho que seria voltado para o universo das obras de uma reflexão acerca da “realidade sócio-histórica” (LEFORT, 1985, p. 343). Sua obra, portanto, é perpassada pelas questões e pelos debates políticos de sua época, ao mesmo tempo em que interpreta a obra de pensadores do passado, unindo duas exigências que se coadunam e constituem os fundamentos de seu trabalho: a exigência política e a exigência filosófica (cf. LEFORT, 1985). Isso significa, para Lefort, que o tempo, as questões que emergem em cada *aqui e agora*, o constroem à reflexão de modo que filosofia e política se articulam e percorrem sua obra, associando o trabalho de interpretação do pensamento de autores do passado com o exame dos acontecimentos que lhe foram contemporâneos.

A despeito da diversidade de artigos e de questões abordadas, o que une estes ensaios é a exigência de pensar e repensar o político. Ao longo de sua obra, portanto, podemos encontrar diversas reflexões sobre esta noção, em que Lefort procura remontar à tradição clássica da filosofia a importância deste conceito, além de realizar inúmeras discussões sobre o que vem a ser pensar e repensar o político. Podemos encontrar também artigos e entrevistas nos quais Lefort discute o seu significado, assim como trabalhos em que o político é discutido em relação a certos temas fundamentais da filosofia política como poder, conflito, liberdade, revolução, forma de sociedade, “princípios geradores” entre outros.

Isso significa que podemos encontrar em sua obra inúmeras referências sobre o que vem a ser o político, não apenas em seus diferentes artigos, prefácios e entrevistas, como também em distintos momentos de sua trajetória intelectual. Algo que se inscreve na própria *démarche* de Lefort, a qual prima pela tarefa de “pensar e repensar o político com o cuidado de levar em conta as questões que emergem da experiência de nosso tempo” (LEFORT, 1986d, p. 9), mostrando-se avesso a toda e qualquer sistematização de suas ideias e não apresentando, por sua vez, uma única definição do conceito em sua obra.

Dessa forma, esta pesquisa tem por objetivo reunir e reconstituir os vários momentos em que Lefort trata da questão do político nos seus diferentes textos, procurando organizá-los a partir dos temas, acontecimentos, inflexões teóricas e relações com outros autores, mapeando as suas falas e suas reflexões sobre o político, a fim de investigar se há na sua obra uma unicidade de compreensão sobre o pensamento do

político, sem trair o seu propósito inicial que é deixar o conceito em aberto³. Para tanto, a proposta não é definir, nem determinar o conceito, mas compreender e mostrar as várias nuances do político em sua obra.

OBJETIVO GERAL

O objetivo da pesquisa é investigar se há na obra de Lefort uma unicidade de compreensão sobre o pensamento do político.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

1. Investigação dos textos de Lefort sobre o político;
2. Organização e análise dos textos sobre o político a partir dos temas, autores, acontecimentos e trajetória intelectual aos quais aparece relacionado;
3. Discutir se estes textos se relacionam como um todo e de que forma isto seria possível.

PROBLEMATIZAÇÃO

No início de sua trajetória intelectual, Claude Lefort atuou como militante trotskista por um breve período, entre 1945 e 1948, onde pôde realizar a leitura das obras de Marx e Engels, assim como as de Lenin e Trotski. De um modo geral, embora suas primeiras reflexões tenham sido desenvolvidas no plano de uma interpretação marxista, somente a partir do momento em que Lefort rompe com o grupo *Socialisme ou Barbarie*⁴, em 1958, do qual participou como fundador juntamente com Cornelius Castoriadis, é que

³ Como menciona Flynn (2013), um pouco antes de sua morte, Lefort preocupava-se com a recepção de seu trabalho após sua morte. É possível que uma de suas inquietações dissesse respeito ao modo de interpretação de seus escritos como determinação e fechamento, contrariando sua própria postura interpretativa.

⁴ Segundo Abensour (1993), o grupo *Socialismo ou Barbárie* elaborou uma crítica às teses de Trotski enunciadas em seu trabalho “A Revolução traída”, relacionadas à natureza social da URSS, as quais serviram como plataforma de oposição por parte da esquerda e posteriormente da IV Internacional. A contestação por parte de Lefort e Castoriadis se dá em quatro frentes: 1) quanto à tese das bases socialistas da URSS, afirmando-se que se tratava na verdade de um capitalismo burocrático que engendrava uma nova divisão social entre dirigentes e executantes; 2) A constituição desta nova sociedade – capitalismo de Estado para Lefort – está associada com a formação da burocracia como nova classe social dominante; 3) A Revolução social deve dirigir-se a destruir esta nova classe dominante e abolir a nova divisão entre dirigentes e executantes; e 4) Totalitarismo é o nome que se dá a esta nova forma de sociedade. Assim, Claude Lefort faz uma reinterpretação do projeto revolucionário com relação à natureza da produção moderna, voltando-se, portanto, para uma reflexão sobre o Totalitarismo (ABENSOUR, 1993, p. 86-87).

se encontrará em condições de desenvolver seu projeto de reflexão do *político*. Naquele período, esteve movido pela ideia de que somente a inteligibilidade do político engendraria uma via alternativa ao positivismo perpetrado pelo marxismo e pela ciência e sociologia políticas, cujo foco se atém à política, ao invés do político. Desde muito cedo, ainda em sua militância trotskista, Lefort afirma que jamais desposou a concepção científicista e economicista, a qual levou Marx a descobrir as leis que regem o funcionamento da sociedade e a evolução da humanidade (LEFORT 1978c, p. 359). Assim, identificou muito jovem, no início de sua trajetória intelectual, que a problemática marxista continha uma lacuna, a lacuna do *político*.

A filosofia de Claude Lefort, portanto, pode ser apresentada como uma filosofia do político. A questão, no entanto, é que o político enquanto um conceito na obra não se deixar captar em uma única visada. Toda vez que se anuncia tal reflexão através da pergunta: “O que é o político?” (LEFORT, 1986d, p. 09), de imediato, Lefort nos remete a outra indagação: “Não seria antes forçoso admitir que toda definição, toda tentativa de fixar a essência do político entrava o livre movimento do pensar e que este, muito ao contrário, só se sustenta com a condição de não prejudicarmos os limites do político, de consentir numa exploração cujos caminhos não são de antemão conhecidos?” (ibid., p. 09).

Esta recusa em partir do conceito, em prol da liberdade de pensamento através da “livre exploração” nos remete a uma reflexão tipicamente lefortiana. O conceito, para Lefort, é sinônimo de fechamento, determinação, de um saber lacrado. Permanecer em um debate conceitual equivale a um movimento de determinação em determinação que, na sua perspectiva, impede o livre movimento do pensar. (cf. LEFORT, 1979b, p. 262).

Nessa perspectiva, neste apelo crítico, podemos compreender que Lefort não constrói uma “teoria do político”, mantendo-se sempre aberto a novas reflexões sobre o político ao longo de sua trajetória. Isso porque, seu pensamento é “pensamento em movimento”, como propõem Pachet (1993) e Neefs (1993), que está sempre sujeito a se refazer na prática da leitura e da escrita, sendo capaz de multiplicar interpretações (PACHET, 1993, p. 300) e “multiplicar questões” que buscam manter-se em diálogo, na passagem de um texto a outro (NEEFS, 1993, p. 287).

Dessa maneira, parece-nos que é fundamental localizar e analisar o conjunto de interrogações abertas por parte do filósofo francês ao longo de sua trajetória, de modo a compreender o político no trabalho de (re)elaboração interpretativa. Esse trabalho, por

sua vez, se dá em relação a certos acontecimentos como o surgimento do totalitarismo, Maio de 1968 na França, no que diz respeito a certos temas, entre os quais destacamos a ideia de revolução, poder, ideologia, liberdade e, ainda, no que se refere a pensadores clássicos como Marx, Maquiavel e Tocqueville e contemporâneos como Hannah Arendt e Leo Strauss.

Esta pesquisa permitirá encontrar intercursos interrogativos sobre o político, isto é, momentos na obra de Lefort em que é possível identificar um conjunto significativo de discussões e reflexões relativas a esta noção. Para ilustrar o que estamos dizendo, considere-se, por exemplo, os artigos “Pensando a revolução na Revolução Francesa” (1980c), “Permanência do teológico-político?” (1981b) e “A questão da Democracia” (1983b), os quais foram escritos na mesma época e tratam do político a partir de dois temas fundamentais: revolução e democracia.

A revolução para Lefort é o fenômeno que, por excelência, induz a pensar o político (cf. LEFORT, 1980c, p. 118) porque evidencia, revela, coloca em questão o modo de instituição social. Pensar o político a partir da revolução nos remete à reflexão sobre certo momento na sociedade marcado por profundas mudanças, por transformações radicais que se expressam como uma “fratura” na sociedade (ibid., p. 117) a colocar em jogo os fundamentos imaginários e simbólicos de sua realidade, ou seja, está em questão os marcos de referência de uma sociedade que oscilam nos momentos de revolução.

Enquanto a revolução induz a pensar o político, a democracia constitui uma forma de sociedade em que o político encontra-se dissimulado. O que se oferece aos olhares são os atributos do poder, a seleção dos dirigentes, as instituições políticas, ou seja, tudo aquilo que é objeto de reflexão por parte da ciência e sociologia políticas. Quando Lefort pensa a democracia, portanto, contrasta o político e a política, conduzindo o pensamento do político a um retorno à Filosofia Política e uma ruptura com a Ciência Política, pois, como sublinha o filósofo, houve uma “perda do sentido do político” (LEFORT, 1983b, p. 31). Importa discutir, então, um modo de pensar a democracia no registro do político como forma de sociedade e não como um conjunto de instituições.

Percebe-se nos artigos analisados, por um lado, que ao referir-se ao político com relação ao fenômeno revolucionário, Lefort nos remete ao trabalho de elaboração imaginária do social que se revela como instituinte. Por outro, ao tratar da democracia seu movimento é o de estabelecer rupturas e compará-la com outras formas de sociedade. Ruptura com relação ao ponto de vista da Ciência e Sociologia Políticas, pois a democracia não pode ser pensada como um conjunto de instituições e, sim, como uma

forma de sociedade, operando-se nesta análise, um resgate à Filosofia Política. Trata-se de uma *démarche* comparativa, pois os fundamentos imaginários e simbólicos da democracia não se deixam analisar como no caso da revolução, pois são infiguráveis, uma vez que para apreendê-los é preciso contrastá-los com outras formas de sociedade, como o faz Lefort em relação ao Antigo Regime e ao Totalitarismo.

Isso significa que ambos são guiados pela ideia de que o político foi apagado pelo desenvolvimento de um conhecimento objetivista, seja no âmbito da historiografia marxista, em relação ao fenômeno revolucionário, seja em virtude do desenvolvimento da ciência política, no que concerne à democracia. Com isso, Lefort procura pensá-los através de uma retomada da tradição da Filosofia Política, preocupando-se com os princípios geradores das sociedades, os quais sempre colocam em jogo uma reflexão sobre o destino ou os destinos do homem (cf. LEFORT, 1980d, p. 98), isto é, em uma “matriz política” da qual o poder é constitutivo e que resulta de uma elaboração coletiva inscrita em um processo histórico.

Esse pequeno exercício que acabamos de apresentar mostra-nos que, dependendo do tema que está em discussão, a reflexão sobre o político assume diferentes nuances. Tendo isso em vista, nos questionamos até que ponto é possível encontrar unidade, certas complementaridades, elos e inflexões teóricas na diversidade de artigos que marcam o pensar e o repensar o político publicados em revistas e livros e na análise de entrevistas e prefácios escritos por Lefort. Isso parece se justificar na medida em que o próprio Lefort nos diz que é necessário “encontrar os sinais do político lá onde são, com mais frequência, ignorados, ou denegados.” (LEFORT, 1986d, p. 09).

JUSTIFICATIVA

Claude Lefort tem sido lido e interpretado, a partir de várias perspectivas em trabalhos publicados em revistas, coletâneas de artigos, além de livros e trabalhos acadêmicos, como dissertações e teses, dedicadas ao entendimento de sua obra⁵.

Sobre a trajetória de Lefort, temos o primeiro capítulo do livro de Poltier (1998) um estudo mais sistemático sobre o seu percurso intelectual, em uma perspectiva um

⁵ No Brasil, as contribuições de CHAUI (1977; 1978 e 1983) realizando traduções, comentários, apresentações da obra e orientações sobre Lefort têm sido de suma importância para a divulgação do pensamento do filósofo na comunidade acadêmica.

pouco diferente daquela que está presente no artigo de Edgard Morin (1993) que foi muito próximo a Lefort e retoma a vivacidade do cenário político, as questões e vivências políticas dos anos 1950 até os anos 1970. Os artigos de Olivier Mongin (1993) e Howard (2013), por sua vez, têm em comum a ênfase à atuação política de Lefort, retomando a importância das revistas nas quais ele publicou, unindo a reflexão à intervenção política.

Outros artigos sobre Lefort direcionam-se para a compreensão de algumas interpretações que ele realizou em seus escritos ao longo de sua trajetória. Há um conjunto de trabalhos devotado a certos autores, como é o caso do artigo de Baczko (1993) que discute a leitura de Lefort sobre Edgar Quinet, o artigo de Mouchard (1993) sobre o significado de Henri Michaux na obra de Lefort, além do trabalho de Habib (1993) que discute a leitura de Lefort de La Boétie. Temos ainda o artigo de Weymans (2012) relacionando Arendt e Lefort, tendo em perspectiva o pensamento de Marx. No trabalho de Hilb (2013), encontramos uma discussão sobre as constantes referências na obra de Lefort ao trabalho de Leo Strauss⁶. Não podemos deixar de mencionar ainda o artigo de Bilakovics (2013) sobre a leitura de Lefort sobre Tocqueville.

Alguns estudos concentram-se em discussões sobre a questão do totalitarismo e da democracia, sendo a maior parte voltada para esta última questão. Com relação ao totalitarismo, destaca-se o artigo de Abensour (1993) que explora e explicita os pressupostos teóricos e as articulações conceituais que produzem ou acompanham a elaboração deste conceito, estabelecendo que há duas interpretações na obra de Lefort, uma delas no registro marxista e outra que inscreve-se no “momento maquiaveliano” do filósofo francês.

No que diz respeito à democracia, Molina (2004)⁷, Abensour (2002) procuram pensá-la no registro da “indeterminação”. Abensour (2002), parte da expressão “democracia selvagem”, recorrente nos escritos de Lefort, para discutir a ideia de que ela não pode ser domesticada, justamente porque está fundamentada em uma matriz simbólica, a partir da qual a síntese pode ser recusada, assim como o fundamento e a ordem, pois é concebida como o centro da indeterminação (ABENSOUR, 2002, p. 718). Ela é um “jogo de possibilidades” (ibid., p. 710), invenção contínua da política, das

⁶ Este último artigo faz parte da mais recente coletânea de trabalhos publicados sobre Lefort organizados por Martin Plot (2013).

⁷ Esse comentador também possui uma obra voltada unicamente ao entendimento do simbólico no pensamento de Lefort (ver Molina, 2005). Sobre esse tema, encontramos também o artigo de Breckman (2013).

relações políticas, particularmente pensada sob o ponto de vista do movimento permanente de contestação por meio da demanda por novos direitos⁸.

Esta ausência de fundamento também foi discutida por Marchart (2007), o qual definiu Lefort como “pós-fundacionalista” (MARCHART, 2007, p. 86), no sentido de que, embora afirme a ausência permanente de um fundamento estável, positivo da sociedade moderna – democrática – a *dimensão do fundamento* não desapareceu. A política na democracia, então, deve ser compreendida como “incompletude”, ou seja, aquela que está sempre em busca de sua própria legitimidade e pelo sentido de suas práticas democráticas. A falta ou ausência de um conhecimento último da sociedade, de uma fundação sólida ou essência implica na noção de uma “fundação puramente negativa”, pela impossibilidade de um conhecimento final que, por sua vez, abre a possibilidade de “fundações contínuas” da política que estão na dependência do conflito, da divisão social. Uma linha de discussão que é traçada por Marchart e por Einsenstadt (1998) vai no sentido de compreender a pluralidade de movimentos sociais como aqueles que procuram definir um conhecimento da sociedade e como tentativas fundacionais em competição. Há, portanto, a legitimidade de um debate movido pela interrogação que gira em torno da instituição do social, da busca por um fundamento que está sempre em falta, na sociedade democrática, e que, uma vez reconhecido, permanece como algo passageiro, ou melhor, como discursivamente atualizado, pois não se estabelece como algo definitivo. Para Einsenstadt (1998), deve-se partir do pressuposto de que a fragilidade e a instabilidade são características inerentes aos regimes democráticos modernos e que o seu campo político permanece sujeito a uma redefinição contínua através da construção de diferentes identidades coletivas e pelos movimentos de protesto⁹.

Outros dois autores que seguem estas mesmas observações são Steinmetz-Jenkins (2009) e Geenens (2008) que partem do entendimento que possui Lefort de que a democracia é uma sociedade que vive uma compreensão de si mesma no modo da incerteza, indeterminação, em que as instituições estão em crise constante de legitimação

⁸ Leydet (1993) apresenta as discussões de Lefort sobre os direitos humanos, abordando as críticas de Ferry e Renaut à ausência de uma justificação normativa nos escritos de Lefort sobre este tema. Na perspectiva de Geenens (2008), a teoria de Lefort apresenta sim uma justificação normativa e universalista da democracia e dos direitos humanos, um debate que o autor procura estabelecer com Bernard Flynn (2005). Sobre essa temática, encontramos também os artigos de Cheresky (1993) e Cohen (2013). Vale mencionar ainda o livro de Oliveira (2010) que também trata de temas relacionados à democracia a partir de uma perspectiva lefortiana.

⁹ No artigo de Warren (1996), a perda dos fundamentos é discutida como uma forma de responder e organizar democraticamente a política, a qual se dá através das incertezas intrínsecas desta forma de sociedade.

e que qualquer representação que a sociedade possa dar para si mesma sempre requer justificação.

Nos estudos citados, percebemos que, ao falar de democracia, os autores partem do seu caráter indeterminado. A exceção encontra-se nos artigos de Newman (2004) e de Plot (2012), cuja discussão aborda a possibilidade de preenchimento e da ocupação do “lugar vazio do poder”. Com relação ao primeiro autor, seu artigo busca estabelecer uma aproximação entre Lefort e Ernest Laclau, pois Newman (2004) coloca em paralelo a noção de “lugar vazio do universal” de Laclau e a noção de “lugar vazio do poder” de Lefort, afirmando ser possível a incorporação parcial do lugar vazio por uma identidade política particular.

Dessa maneira, procurando vincular os dois autores, Newman (2004) compreende que o lugar vazio articula o particular e o universal, pois uma demanda particular ocupa o lugar vazio e, com isso, ainda que nele permaneça provisoriamente, produz uma articulação discursiva com outras demandas, favorecendo, assim, seu reconhecimento como demanda universal, bem como a contestação política.

No artigo de Plot (2012), há um questionamento sobre a natureza do regime americano, com vistas a refletir se ele ainda abarca ou se reage contra a dissolução das marcas da certeza, sob o ponto de vista da institucionalização do conflito e pela ausência de um grupo que seria consubstancial ao poder. Assim, ele propõe uma investigação sobre a inter-relação entre as formas de ação dos atores políticos na sociedade americana contemporânea e sua forma política que deveria ser estruturada em torno do conflito político e do poder democrático. O autor chega à conclusão de que há falta de oposição na democracia americana, pois democratas e republicanos não realizam mais um debate e uma contestação. Ao mesmo tempo, afirma que, após onze de setembro de 2001, houve uma reação à dimensão da dissolução das marcas da certeza pelo que o autor denomina como “fantasia da certeza de segurança” (PLOT, 2012, p. 57) na guerra ao terror. Com isso, o autor preocupa-se com a perda de credibilidade do regime democrático. Mais importante, em nossa perspectiva, é a afirmação do autor de que houve uma apropriação do lugar vazio do poder por parte de corporações e de setores financeiros e de grande poder aquisitivo (ibid., p. 57).

Com relação a esta observação sobre o preenchimento do lugar vazio do poder, verificamos que, enquanto Newman apresenta uma visão positiva, em Plot (2012), ela é negativa. No primeiro caso, o lugar do poder é alternado por grupos e movimentos sociais

com o objetivo de requerer um reconhecimento de suas demandas políticas, já no segundo caso, ocorre a monopolização do poder e a ausência de um debate profícuo.

Sobre a questão da democracia, temos ainda uma obra publicada por Moreau de Bellaing (2011) e alguns trabalhos que procuram relacionar o pensamento de Lefort ao de outros autores, como o artigo de Näsström (2006) que discute a perspectiva de Ankersmit e de Lefort com relação ao tema da representação política e o artigo de Rummens (2008), cuja discussão se dá em relação a Habermas, no que se refere à ideia de deliberação.

Com relação ao pensamento do político, objeto deste trabalho, se distinguem duas formas de compreensão: uma está centrada em buscar os fundamentos do político e a outra busca realizar reflexões sobre o significado do político e suas consequências para o pensamento político contemporâneo no entendimento da sociedade moderna.

Na primeira vertente temos os trabalhos de Flynn (1987; 2012) e Poltier (1998) que expõem os pontos de partida de Lefort em Maquiavel e em Merleau-Ponty na constituição de seu pensamento do político. No mesmo sentido, mais recentemente, o artigo de Bignotto (2013) e Trindade (2013) também procuram compreender a filosofia política de Lefort a partir de sua interpretação de Maquiavel.

Com relação à segunda abordagem, os artigos de Jennings (1997) e Rosanvallon (2010) inserem Lefort no debate francês, o qual passou do marxismo a uma retomada do político. Já os trabalhos de Steinmetz-Jenkins (2009) e Vries (2009) procuram definir o político como dimensão oculta na sociedade moderna, mantendo-se articulado à política. Além disso, há o trabalho de Marchart (2007) que apresenta o significado do político em uma sociedade pós-fundacional como é o caso da sociedade moderna, enquanto dimensão instituinte que se mantém na indeterminação. Por fim, temos o artigo de Caillé (1993) que explicita o significado do político em contraposição crítica às ciências sociais e o trabalho de Molina (2007), por outro lado, que procura aproximar o pensamento do político da ciência política.

Embora seja possível encontrar cada vez mais artigos sobre o político em Lefort, os autores não apontam para a necessidade de se relacionar a questão do político com os acontecimentos, temas e autores explorados por ele que podem ajudar a entender a passagem de um texto para outro. Vemos nos trabalhos de Poltier (1998), Flynn (2005) e Bignotto (2013) que suas análises sobre o político são muito acuradas e precisas, mas mesmo assim o leitor fica sem compreender como se relacionam a diversidade de textos de Lefort. Uma outra via de leitura é a que nos apresenta Bataillon (2013), ao destacar a

importância de considerarmos essa variedade de textos, tentando pensar o que os une. A sua abordagem, no entanto, ainda é geral sobre temas amplos na obra de Lefort como a própria Filosofia ou a democracia. De nossa parte, inspirados nesta proposta de leitura de Bataillon, queremos investigar se há uma relação entre o que Lefort escreve sobre o político em cada artigo sobre o assunto, se há diferenças de concepção do político de um texto para outro, se eles são radicalmente diversos, e, ainda, se há uma diferença e o que marca no pensamento de Lefort essa diferença para que ele tenha mudado de concepção.

METODOLOGIA

Neste trabalho será realizada uma pesquisa bibliográfica, partindo de uma análise de algumas obras de Claude Lefort e de seus comentadores que se pautam por uma reflexão do político. Serão utilizadas, na investigação, obras originais e também com tradução para o português, textos que nos oferecem o entendimento da trajetória do filósofo francês, particularmente entrevistas e prefácios.

Para o desenvolvimento desta investigação, realizaremos uma análise dos textos sobre o político, procurando organizá-los de acordo com os temas, autores, acontecimentos com os quais aparece relacionado, bem como ao período de sua publicação na trajetória intelectual de Lefort, a fim de estabelecer a relação entre eles e o significado de cada discussão.

Os intercursos interrogativos do político na obra de Lefort serão analisados a partir dos livros publicados por Lefort, conforme metodologia já empregada em outra pesquisa (SCHEVISBISKI, 2013), partindo do pressuposto de que eles não são somente coletâneas. O significado da reorganização e republicação de seus artigos representa o esforço, presente em cada um de seus prefácios, em justificar a reapresentação de certos textos já conhecidos do público, articulando-os ao momento político em questão, confrontando suas análises com a dinâmica do tempo, de cada *aqui e agora*, revelando um autor dedicado a combinar a reflexão política com o deciframento dos fatos políticos. Assim, cada livro contempla uma sequência única de artigos selecionados e reorganizados pelo autor. Seus prefácios e posfácios, em nossa perspectiva, constituem amarrações de seu próprio discurso, visando articular e rearticular suas interrogações aos acontecimentos, ao cenário político e, particularmente, aos discursos e às representações da época.

Dentre as obras de Lefort, nos concentraremos naquelas que foram publicadas a partir dos anos 1970. Faremos a investigação de duas obras como um todo, os livros *Essais sur le politique. XIX^e-XX^e siècles* (1986a) e *Écrire à l'épreuve du politique* (1992a), pois ambos tratam da questão político já a partir dos prefácios, seja com a finalidade de “pensar e repensar o político” (LEFORT, 1986a, p.07) no caso do primeiro livro, e “decifrar o político” (LEFORT, 1992a, p. 9) no que se refere ao segundo. Com relação às demais obras de Lefort, trabalharemos com alguns artigos, prefácios, capítulos, entrevistas a fim de compreender a trajetória e elementos da fundamentação filosófica do pensamento do político.

Além de realizar um estudo a partir desses livros, reconstituiremos também o roteiro original de escrita dos artigos por meio de uma incursão nas revistas em que os textos de Lefort apareceram pela primeira vez. Ao investigarmos suas publicações a partir de algumas revistas, consideramos ser possível retomá-las no plano de dossiês temáticos, na sequência de artigos entre os quais os seus se localizam, na relação que mantêm com os autores e suas ideias a dividir o mesmo volume, o mesmo número, ou, ainda, com certo grupo editorial. Dessa maneira, torna-se possível encontrar mais elementos para compreender o seu pensamento em diálogo com certos autores e com as questões filosóficas discutidas em cada publicação. Trabalharemos, principalmente, com as revistas *Libre*, *Textures* e *Esprit*, nas quais encontramos algumas referências de textos sobre o político em números temáticos¹⁰.

CRONOGRAMA DE TRABALHO

Primeiro trimestre (Fevereiro, Março e Abril de 2015)

- Revisão da bibliografia de Claude Lefort sobre o tema do político;
- Participação das atividades previstas em conjunto com o Supervisor no Programa de Pós-graduação em Filosofia da USP;
- Participação em eventos de relevância para o tema da pesquisa.

Segundo trimestre (Maio, Junho, Julho de 2015)

- Revisão de jornais, revistas e periódicos nos quais Lefort publicou em sua trajetória;

¹⁰ Na revista *Textures*, por exemplo, encontramos um número temático dedicado ao político, onde há um artigo de Lefort escrito em colaboração com Marcel Gauchet (cf. LEFORT, 1971c), além de outros textos.

- Participação das atividades previstas em conjunto com o Supervisor no Programa de pós-graduação em Filosofia;
- Participação em eventos de relevância para o tema da pesquisa.

Terceiro trimestre (Agosto, Setembro e Outubro de 2015)

- Revisão da bibliografia dos comentadores mais relevantes sobre o tema do político em Lefort;
- Participação das atividades previstas em conjunto com o Supervisor no Programa de pós-graduação em Filosofia;
- Participação em eventos de relevância para o tema da pesquisa.

Quarto trimestre (Novembro, Dezembro e Janeiro de 2016)

- Sistematização dos resultados obtidos;
- Elaboração de artigos, capítulos de livros para publicação.

BIBLIOGRAFIA

- ABENSOUR, M. (1993). Réflexions sur les deux interprétations du totalitarisme chez Claude Lefort. In: HABIB, C. ; MOUCHARD, C. *La démocratie à l'oeuvre: autour de Claude Lefort*. Turriers: Esprit.
- _____. (2002). 'Savage democracy' and 'principle of anarchy'. *Philosophy & Social Criticism*. London, v. 28, n. 6, p. 703-726.
- BACZKO, B. (1993). Une lecture de Quinet. In: HABIB, C.; MOUCHARD, C. *La démocratie à l'oeuvre: autour de Claude Lefort*. Turriers: Esprit, 1993.
- BARMINE, A. (1939) *Vingt ans au service de l'U.R.S.S. Souvenirs d'un diplomate soviétique*. Paris : Michel.
- BATAILLON, G. (2013). Claude Lefort, the practice and thought of disincorporation. In: PLOT, M. (ed.) *Claude Lefort. Thinker of the political*. New York: Palgrave Macmillan, 2013.
- BIGNOTTO, N. (2013). Lefort and Machiavelli. In: PLOT, M. (ed.) *Claude Lefort. Thinker of the political*. New York: Palgrave Macmillan, 2013.
- BILAKOVICS, S. (2013). Lefort and Tocqueville on the possibility of democratic despotism. In: PLOT, M. (ed.) *Claude Lefort. Thinker of the political*. New York: Palgrave Macmillan, 2013.
- BRECKMAN, W. (2013). Lefort and the symbolic dimension. In: PLOT, M. (ed.) *Claude Lefort. Thinker of the political*. New York: Palgrave Macmillan, 2013.

- CAILLÉ, A. (1993). Claude Lefort, les sciences sociales et la philosophie politique. HABIB, C.; MOUCHARD, C. *La démocratie à l'oeuvre: autour de Claude Lefort*. Turriers: Esprit, 1993.
- CHAUÍ, M. (1977). Crítica e ideologia. In: CHAUÍ, M. *Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas*. 13 ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- _____. (1978). O discurso competente. In: CHAUÍ, M. *Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas*. 13 ed. São Paulo: Cortez, 2011
- _____. (1984). Merleau-Ponty: vida e obra. In: MERLEAU-PONTY, M. *Textos escolhidos*. 2 ed. São Paulo: Abril Cultural. (Coleção Os Pensadores)
- _____. (1983). Apresentando o livro de Claude Lefort. In: LEFORT, Claude. *A Invenção democrática: os limites da dominação totalitária*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- _____. (2008). *O que é ideologia*. 2 ed. São Paulo: Brasiliense.
- CHERESKY, I. (1993). L'émergence des droits de l'homme et le retrait du politique. In: HABIB, C.; MOUCHARD, C. *La démocratie à l'oeuvre: autour de Claude Lefort*. Turriers: Esprit, 1993.
- CHRISTOPHERSON, M. S. (2004). *French intellectuals against the left: the antitotalitarian moment of the 1970s*. Berghahn Books: New York, Oxford.
- COHEN, J. L. (2013). Rethinking the politics of human rights and democracy with and beyond Lefort. In: PLOT, M. (ed.) *Claude Lefort. Thinker of the political*. New York: Palgrave Macmillan, 2013.
- EISENSTADT, S. N. (1998). The paradox of democratic regimes: fragility and transformability. *Sociological Theory*. Washington, v. 16, n. 3, p. 211-238.
- FLYNN, B. (1984). The question of an ontology of the political: Arendt, Merleau-Ponty, Lefort. *International Studies in Philosophy*, v. XVI, n. 1, p. 01-24.
- _____. (1987). Claude Lefort: political forms of modern society. *Philosophy and Social Criticism*, v. 13, n. 1, p. 85-103.
- _____. (2005). *The philosophy of Claude Lefort: interpreting the political*. Illinois: Northwestern University Press.
- _____. (2013). Lefort as a phenomenologist of the political. In: PLOT, M. (ed.) *Claude Lefort. Thinker of the political*. New York: Palgrave Macmillan, 2013.
- FRANÇA, F. C. T. (1998). *Obra de pensamento e democracia: um diálogo com o pensamento de Claude Lefort*. São Paulo. 212 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- GEENENS, R. (2008). Democracy, human rights and history: reading Lefort. *European Journal of Political Theory*. Brussels, v. 7, n. 3, p. 269-286.
- HABIB, C. (1993). De la servitude volontaire: une lecture politique. In : HABIB, C.; MOUCHARD, C. *La démocratie à l'oeuvre: autour de Claude Lefort*. Turriers: Esprit, 1993.

- _____.; MOUCHARD, C.; PACHET, P. (1993). Présentation. In: HABIB, C.; MOUCHARD, C. *La démocratie à l'oeuvre: autour de Claude Lefort*. Turriers: Esprit, 1993.
- HILB, C. (2013). Claude Lefort as reader of Leo Strauss. In: PLOT, M. (ed.) *Claude Lefort. Thinker of the political*. New York: Palgrave Macmillan, 2013.
- HOWARD, D. (2013). Claude Lefort: a political biography. In: PLOT, M. *Claude Lefort. Thinker of the political*. New York: Palgrave Macmillan, 2013.
- JENNINGS, J. (1997). The return of the political? New french journals in the history of the political thought. *History of Political Thought*, v. XVIII, n. 1, p. 148-156.
- KRAVCHENKO, V. A. (19--). *Eu escolhi a liberdade: a vida privada e política de um funcionário soviético*. 3 ed. Rio de Janeiro: A noite.
- LA BOÉTIE, E. de. (1999). *Discurso da servidão voluntária*. São Paulo: Brasiliense. (Coleção Elogio da Filosofia)
- LEFORT, C. (1948). Kravchenko et le problème de L'URSS. In: LEFORT, C. *Éléments d'une critique de la bureaucratie*. 2ème ed. Paris: Gallimard, 1979c.
- _____. (1951). A troca e a luta dos homens. In: LEFORT, Claude. *As formas da história: ensaios de antropologia política*. São Paulo: Brasiliense, 1979b.
- _____. (1952a). L'expérience prolétarienne. In: LEFORT, C. *Éléments d'une critique de la bureaucratie*. 2ème ed. Paris: Gallimard, 1979c.
- _____. (1952b). Sociedade "sem história" e historicidade. In: LEFORT, Claude. *As formas da história: ensaios de antropologia política*. São Paulo: Brasiliense, 1979b.
- _____. (1955). A alienação como conceito sociológico. In: LEFORT, Claude. *As formas da história: ensaios de antropologia política*. São Paulo: Brasiliense, 1979b.
- _____. (1956). Le totalitarisme sans Staline. L'URSS dans une nouvelle phase. In: LEFORT, C. *Éléments d'une critique de la bureaucratie*. 2ème ed. Paris: Gallimard, 1979c.
- _____. (1958). Organisation et parti. Contribution à une discussion. In: LEFORT, C. *Éléments d'une critique de la bureaucratie*. 2ème ed. Paris: Gallimard, 1979c.
- _____. (1960a). Qu'est-ce que la bureaucratie? In: LEFORT, C. *Éléments d'une critique de la bureaucratie*. 2ème ed. Paris: Gallimard, 1979c.
- _____. (1960b). Reflexões sociológicas sobre Maquiavel e Marx: a política e o real. In: LEFORT, Claude. *As formas da história: ensaios de antropologia política*. São Paulo: Brasiliense, 1979b.
- _____. (1961). L'idée d'être brut et d'esprit sauvage. In: LEFORT, C. *Sur une colonne absente. Écrits autour de Merleau-Ponty*. Paris: Gallimard, 1978f.
- _____. (1963a). La dégradation idéologique du marxisme. In: LEFORT, C. *Éléments d'une critique de la bureaucratie*. 2ème ed. Paris: Gallimard, 1979c.

- _____. (1963b). La politique et la pensée de la politique. In: LEFORT, Claude. Sur une colonne absente. Écrits autour de Merleau-Ponty. Paris: Gallimard, 1978f.
- _____. (1965). Marx: de uma visão da história a outra. In: LEFORT, Claude. As formas da história: ensaios de antropologia política. São Paulo: Brasiliense, 1979b.
- _____. (1966a). Pour une sociologie de la démocratie. In: LEFORT, C. Éléments d'une critique de la bureaucratie. 2ème ed. Paris: Gallimard, 1979c.
- _____. (1966b). "...sur une colonne absente". Michaux. In: LEFORT, C. Sur une colonne absente. Écrits autour de Merleau-Ponty. Paris: Gallimard, 1978f.
- _____. (1970a). A obra de pensamento e a história. In: LEFORT, Claude. As formas da história: ensaios de antropologia política. São Paulo: Brasiliense, 1979b.
- _____. (1970b). Le nouveau et l'attrait de la répétition. In: LEFORT, C. Éléments d'une critique de la bureaucratie. 2ème ed. Paris: Gallimard, 1979c.
- _____. (1971a). Le corps, la chair. In: LEFORT, C. Sur une colonne absente. Écrits autour de Merleau-Ponty. Paris: Gallimard, 1978f.
- _____. (1971b). Maquiavel e os jovens. In: LEFORT, Claude. As formas da história: ensaios de antropologia política. São Paulo: Brasiliense, 1979b.
- _____. ; GAUCHET, M. (1971c). Sur la démocratie: le politique et l'institution du social. Paris, *Textures*, n. 2-3, p. 7-78.
- _____. (1973). O nascimento da ideologia e do humanismo. In: LEFORT, Claude. As formas da história: ensaios de antropologia política. São Paulo: Brasiliense, 1979b.
- _____. (1974). Esboço de uma gênese da ideologia nas sociedades modernas. In: LEFORT, Claude. As formas da história: ensaios de antropologia política. São Paulo: Brasiliense, 1979b.
- _____. (1976a). Maintenant. In: LEFORT, C. Le temps présent. Écrits 1945-2005. Paris: Éditions Belin, 2007.
- _____. (1976b). Un homme en trop. Réflexions sur 'L'Archipel du Goulag'. Paris: Seuil.
- _____. (1976c). Une idéologie de granit. In: LEFORT, C. Un homme en trop. Réflexions sur 'L'Archipel du Goulag'. Paris: Seuil.
- _____. (1977). Uma outra revolução. In: LEFORT, Claude. A invenção democrática: os limites da dominação totalitária. São Paulo: Brasiliense, 1983a.
- _____. (1978a). Les formes de l'histoire. Essais d'anthropologie politique. Paris: Gallimard.
- _____. (1978b). Marx: de uma visão da história a outra. In: LEFORT, Claude. As formas da história: ensaios de antropologia política. São Paulo: Brasiliense, 1979b.
- _____. (1978c). Prefácio. In: LEFORT, Claude. As formas da história: ensaios de antropologia política. São Paulo: Brasiliense, 1979b.

- _____. (1978d). Repenser la démocratie. In: LEFORT, Claude. Le temps présent. Écrits 1945-2005. Paris: Belin, 2007.
- _____. (1978e). Repenser le politique: entretien avec E. A. El Maleh. In: LEFORT, Claude. Le temps présent. Écrits 1945-2005. Paris: Éditions Belin, 2007.
- _____. (1978f). Sur une colonne absente. Écrits autour de Merleau-Ponty. Paris: Gallimard.
- _____. (1979a). A imagem do corpo e o totalitarismo. In: LEFORT, Claude. A invenção democrática: os limites da dominação totalitária. São Paulo: Brasiliense, 1983a.
- _____. (1979b). As formas da história: ensaios de antropologia política. São Paulo: Brasiliense.
- _____. (1979c). Éléments d'une critique de la bureaucratie. 2ème ed. Paris: Gallimard.
- _____. (1979d). Formação e autoridade: a educação humanista. In: LEFORT, Claude. Desafios da escrita política. Tradução Eliana de Melo Souza. São Paulo: Discurso Editorial, 1999a.
- _____. (1979e) La communication démocratique. Entretien avec Paul Thibaud et Philippe Reynaud. In: LEFORT, Claude. Le temps présent. Écrits 1945-2005. Paris: Belin, 2007.
- _____. (1979f). Prefácio. In: LEFORT, C. Éléments d'une critique de la bureaucratie. 2ème ed. Paris: Gallimard, 1979c.
- _____. (1980a). A lógica totalitária. In: LEFORT, Claude. A invenção democrática: os limites da dominação totalitária. São Paulo: Brasiliense, 1983a.
- _____. (1980b). Direitos do homem e política. In: LEFORT, Claude. A invenção democrática: os limites da dominação totalitária. São Paulo: Brasiliense, 1983a.
- _____. (1980c). Pensando a revolução na Revolução Francesa. In: LEFORT, Claude. Pensando o político: ensaios sobre democracia, revolução e liberdade. Tradução Eliana de Melo Souza. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- _____. (1980d). Stalin e o stalinismo. In: LEFORT, Claude. A invenção democrática: os limites da dominação totalitária. São Paulo: Brasiliense, 1983a.
- _____. (1981a). L'invention démocratique. Les limites de la domination totalitaire. Paris: Fayard.
- _____. (1981b). Permanência do teológico-político? In: LEFORT, Claude. Pensando o político: ensaios sobre democracia, revolução e liberdade. Tradução Eliana de Melo Souza. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- _____. (1981c). Reculer les frontières du possible. In: LEFORT, Claude. Le temps présent. Écrits 1945-2005. Paris: Belin, 2007.
- _____. (1981d). Stalin e o stalinismo. In: LEFORT, C. A invenção democrática: os limites da dominação totalitária. São Paulo: Brasiliense, 1983a.

- _____. (1982a). Démocratie et avènement d'un 'lieu vide'. In: LEFORT, Claude. Le temps présent. Écrits 1945-2005. Paris: Belin, 2007.
- _____. (1982b). Le peuple et le pouvoir. In: LEFORT, Claude. Le temps présent. Écrits 1945-2005. Paris: Belin, 2007.
- _____. (1982c). Morte da imortalidade. In: LEFORT, Claude. Pensando o político: ensaios sobre democracia, revolução e liberdade. Tradução Eliana de Melo Souza. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- _____. (1982d). Reversibilidade: liberdade política e liberdade do indivíduo. In: LEFORT, Claude. Pensando o político: ensaios sobre democracia, revolução e liberdade. Tradução Eliana de Melo Souza. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- _____. (1982e). Sur la nature des régimes de l'Est. In: LEFORT, C. Le temps présent. Écrits 1945-2005. Paris: Belin, 2007.
- _____. (1983a). A invenção democrática: os limites da dominação totalitária. Tradução Isabel Marva Loureiro. São Paulo: Brasiliense.
- _____. (1983b). A questão da democracia. In: LEFORT, Claude. Pensando o político: ensaios sobre democracia, revolução e liberdade. Tradução Eliana de Melo Souza. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- _____. (1984a). O corpo interposto: 1984 de George Orwell. In: LEFORT, Claude. Desafios da escrita política. Tradução Eliana de Melo Souza. São Paulo: Discurso Editorial, 1999a.
- _____. (1984b). Os direitos do homem e o Estado-providência. In: LEFORT, Claude. Pensando o político: ensaios sobre democracia, revolução e liberdade. Tradução Eliana de Melo Souza. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- _____. (1985). Filósofo? In: LEFORT, Claude. Desafios da escrita política. Tradução Eliana de Melo Souza. São Paulo: Discurso Editorial, 1999a.
- _____. (1986a). Essais sur le politique. XIXe-XXe siècles. Paris: Seuil.
- _____. (1986b). La dissolution des repères et l'enjeu démocratique. In: LEFORT, Claude. Le temps présent. Écrits 1945-2005. Paris: Belin, 2007.
- _____. (1986c). Le travail de l'oeuvre Machiavel. 2ème ed. Paris: Gallimard.
- _____. (1986d). Prefácio. In: LEFORT, Claude. Pensando o político: ensaios sobre democracia, revolução e liberdade. Tradução Eliana de Melo Souza. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- _____. (1987). Dialogando com Pierre Clastres. In: LEFORT, Claude. Desafios da escrita política. Tradução Eliana de Melo Souza. São Paulo: Discurso Editorial, 1999a.
- _____. (1988). La pensée du politique. In: LEFORT, Claude. Le temps présent. Écrits 1945-2005. Paris: Belin, 2007.
- _____. (1989). La liberté à l'ère du relativisme. In: LEFORT, Claude. Le temps présent. Écrits 1945-2005. Paris: Belin, 2007.

- _____. (1991). *Pensando o político: ensaios sobre democracia, revolução e liberdade*. Tradução Eliana de Melo Souza. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- _____. (1992a). *Écrire. A l'épreuve du politique*. Paris: Calmann-Lévi.
- _____. (1992b). *La representación no agota la democracia*. In: SANTOS, M. R. dos. (coord.) *¿Qué queda de la representación política?* Caracas: Editorial Nova Sociedad; Argentina: CLACSO.
- _____. (1992c). *Le sens historique. Stendhal et Nietzsche*. In: LEFORT, Claude. *Le temps présent. Écrits 1945-2005*. Paris: Belin, 2007.
- _____. (1992d). *Maquiavel e a "verità effettuale"*. In: LEFORT, Claude. *Desafios da escrita política*. Tradução Eliana de Melo Souza. São Paulo: Discurso Editorial, 1999a.
- _____. (1992e). *Prefácio*. In: LEFORT, Claude. *Desafios da escrita política*. Tradução Eliana de Melo Souza. São Paulo: Discurso Editorial, 1999a.
- _____. (1993). *L'incertitude démocratique*. In: LEFORT, Claude. *Le temps présent. Écrits 1945-2005*. Paris: Belin, 2007.
- _____. (1996). *Pensée politique et histoire. Entretien avec Pierre Pachet, Claude Mouchard, Claude Habib, Pierre Manent*. In: LEFORT, Claude. *Le temps présent. Écrits 1945-2005*. Paris: Belin, 2007.
- _____. (1999a). *Desafios da escrita política*. Tradução Eliana de Melo Souza. São Paulo: Discurso Editorial.
- _____. (1999b). *La complication. Retour sur le communisme*. Paris: Fayard.
- _____. (2000). *Le pouvoir*. In: LEFORT, Claude. *Le temps présent. Écrits 1945-2005*. Paris: Belin, 2007.
- _____. (2007). *Le temps présent. Écrits 1945-2005*. Paris: Belin, 2007.
- LEYDET, D. (1993). *Phénoménologie du politique, normativité et droits de l'homme*. *Canadian Journal of Political Science*. Quebec, v. 26, n. 2, p. 343-358.
- MAQUIAVEL, N. (1999). *O Príncipe*. Tradução Olívia Bauduh. São Paulo: Nova cultural. (Coleção Os Pensadores)
- _____. (2008). *Comentários sobre a primeira década de Tito Lívio*. 5ª ed. Tradução Sérgio Bath. Brasília: Editora UnB.
- MARCHART, O. (2007). *Post-foundational political thought: political difference in Nancy, Lefort, Badiou and Laclau*. Edinburgh: Edinburgh University Press.
- MARX, K. (1978). *Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos*. 2. ed. Traduções José Carlos Bruni (et. al.). São Paulo: Abril Cultural. (Coleção Os Pensadores)
- _____., ENGELS, F. (2007). *A ideologia alemã*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira.

- _____. (2008). *O Capital: crítica da economia política*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira.
- _____., ENGELS, F. (2010). *Manifesto Comunista*. São Paulo: Boitempo editorial. 1. ed. revista.
- _____. (2011). *Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política*. Tradução Mario Duayer. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: Ed. UFRJ.
- MERLEAU-PONTY, M. (1952). A linguagem indireta e as vozes do silêncio. In: MERLEAU-PONTY, M. *O olho e o espírito*. São Paulo: Cosac & Naif, 2004.
- _____. (2006a). *A estrutura do comportamento*. São Paulo: Martins Fontes.
- _____. (2006b). *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes.
- MICHELET, J. (1952). *Histoire de la Révolution Française*. Paris: Gallimard. 3 v.
- MOLINA, E. (2004). El trabajo de la incertidumbre. In: LEFORT, C. *La incertidumbre democrática. Ensayos sobre lo político*. Rubí (Barcelona): Anthropos editorial.
- _____. (2005). Le défi du politique. Totalitarisme et démocratie chez Claude Lefort. Paris: L'Harmattan.
- _____. (2007). Por una ciencia política enriquecida. *Temas y debates*, n. 14, p. 71-82.
- MONGIN, O. (1993). Un parcours politique. Du cercle des idéologies au cercle des croyances. In: HABIB, C. ; MOUCHARD, C. *La démocratie à l'oeuvre: autour de Claude Lefort*. Turriers: Esprit, 1993.
- MONNEROT, J. (1949). *Sociologie du communisme*. Paris : Gallimard.
- MORIN, E. (1993). Mes années Lefort. In: HABIB, C.; MOUCHARD, C.; PACHET, P. (1993). *La démocratie à l'oeuvre: autour de Claude Lefort*. Turriers: Esprit.
- _____.; LEFORT, C.; CASTORIADIS, C. (2008). *Mai 68 : la brèche suivi de vingt ans après*. Paris: Fayard.
- MOUCHARD, C. (1993). Lefort lecteur de Michaux. In: HABIB, C.; MOUCHARD, C.; PACHET, P. *La démocratie à l'oeuvre: autour de Claude Lefort*. Turriers: Esprit, 1993.
- MOUREAU DE BELLAING, L. (2011). *Claude Lefort et l'idée de société démocratique*. Paris : L'Harmattan.
- NÄSSTRÖM, S. (2006). Representative democracy as tautology. Ankersmit and Lefort on representation. *European Journal of Political Theory*. London, v. 5, n. 3, p. 321-342.
- NEEFS, J. (1993). L'incitation à comprendre. In: HABIB, C. ; MOUCHARD, C. *La démocratie à l'oeuvre: autour de Claude Lefort*. Turriers: Esprit, 1993.
- NEWMAN, S. (2004). The place of power in political discourse. *International political science review*. London, v. 25, n. 2, p. 139-157.

- OLIVEIRA, L. (2010). O enigma da Democracia: o pensamento de Claude Lefort. Piracicaba: Jacintha editores.
- PACHET, P. (1993). La reformulation dans l'oeuvre de Claude Lefort. In: HABIB, C. ; MOUCHARD, C. *La démocratie à l'oeuvre: autour de Claude Lefort*. Turriers: Esprit, 1993.
- PLOT, M. (2012). Lefort and the question of democracy – in America. *Constellations*, Oxford, v. 19, n. 1, p. 51-62.
- _____. PLOT, M. (ed.) *Claude Lefort. Thinker of the political*. New York: Palgrave Macmillan, 2013.
- POLTIER, H. (1998) *Passion du politique. La pensée de Claude Lefort*. Genève: Labor et Fides.
- ROSANVALLON, P. (2010). Por uma história do político. Tradução de Christian E. Cyril Lynch. São Paulo: Alameda.
- RUMMERS, S. (2008). Deliberation interrupted. Confronting Jürgen Habermas with Claude Lefort. *Philosophy and Social Criticism*, London, v. 34, n. 4, p. 383-408.
- SALINAS FORTES, L. R. (1979). Nota Introdutória. In: LEFORT, Claude. *As formas da história: ensaios de antropologia política*. São Paulo: Brasiliense, 1979b.
- SCHEVISBISKI, R. S. (2013). A “obra” da ideologia e a ideologia na obra de Claude Lefort. São Paulo. 219 f. Tese (Doutorado em Ciência Política) – FFLCH, Universidade de São Paulo.
- SOLJENITSIN, A. (1975). *Arquipélago Gulag*. São Paulo: Difel.
- STEINMETZ-JENKINS, D. (2009). Claude Lefort and the illegitimacy of modernity. *Journal for Cultural and Religious Theory*, v.10, n. 1, p. 102-117.
- THOMPSON, J.B. (1982). Ideology and the social imaginary. An appraisal of Castoriadis and Lefort. *Theory and Society*, v. 11, n. 5, p. 659-681.
- _____. (1986). Editor's introduction. In: LEFORT, C. *The political forms of modern society. Bureacracy, Democracy and Totalitarianism*. Cambridge: Polity Press.
- TOCQUEVILLE, A. (2005) *A democracia na América*. São Paulo: Martins Fontes.
- TRINDADE, G. (2013). Maquiavel e a dimensão simbólica do poder: fundamentos da teoria democrática de Claude Lefort. Brasília, *Revista brasileira de Ciência Política*, n. 12, p. 155-180.
- VRIES, H. de. (2009). ‘The miracle of love’ and the turn to democracy. Michigan, *The New Centennial Review*, v. 8, n. 3, p. 237-290.
- WARREN, M. E. (1996). What should expect from more democracy?: Radically democratic responses to politics. *Political Theory*, v. 24, n. 2, p. 241-270.
- WEIMANS, W. (2012). Defending democracy's symbolic dimension: a lefortian critique of Arendt's marxist assumptions. Oxford, *Constellations*, v. 19, n. 1, p. 63-80.